
HALÍK, Tomáš. *Paciência com Deus*. Oportunidade para um encontro. Col. No Espírito. São Paulo: Paulinas, 2015, 230 p., 23 x 16 cm. ISBN 978-855356-3858-5. Tradução portuguesa realizada no ano de 2012 pelas Paulinas Editoras de Portugal (Prior Velho), agora, em 2015, editada pelas Editoras Paulinas do Brasil (São Paulo).

O sacerdote tcheco Tomáš Halík viveu boa parte de sua vida sob um regime que se considerava oficialmente ateu. Iniciou seus estudos de teologia na clandestinidade. Na presente obra ele desenvolve um diálogo franco, fecundo e aberto em torno do encontro com todas aquelas pessoas que se encontram nas “periferias”, quer da Igreja, quer das religiões institucionalizadas. A inspiração central de sua obra vem do texto bíblico de Lc 19,1-10, que narra o encontro de Jesus com Zaqueu. A abordagem teológica do A. não é aquela da formalidade acadêmica, rígida com os conceitos e impessoal. Antes é espontânea, livre e pessoal, sem deixar, contudo, de ser profunda e interessante. O A. não visa apresentar respostas prontas, mas antes entrar em diálogo com o leitor e suscitar neste o desejo de livremente percorrer um caminho promissor colocando entre parênteses convicções religiosas arraigadas e certezas absolutas. O leitor é convidado a pôr-se no limiar do mistério do Deus desconhecido, distante e, paradoxalmente, próximo.

O prefácio do livro escrito por Alexandre Palma nos fornece algumas chaves de leitura para sua compreensão. Primeiramente, o livro não é um comentário exegético do texto bíblico. O leitor é convidado a deixar-se interpelar pelo Evangelho em questão. Não é o leitor que se faz contemporâneo de Zaqueu, mas este que teimosamente permanece no “cimo do sicômoro” à espera da boa-nova passar (10). Zaqueu é, assim, o símbolo de uma procura, de um desassossego. Representa os que estão distantes ou à margem do caminho e, ao mesmo tempo, os “buscadores” (Zaqueu buscava/procurava ver quem era Jesus). Uma segunda chave de leitura é justamente o convite a olharmos para as margens, pois aí estão os tímidos, os inseguros, os calados, os que passam despercebidos no cotidiano da vida (11). Outra chave importante de compreensão é mirar o Evangelho e o Cristianismo sob a ótica do paradoxo: revelação e ocultamento, proximidade e distância, divino e humano. Não se trata de tentar resolver o paradoxo como se este fosse um problema a ser (mais cedo ou mais tarde) solucionado, mas de acolhê-lo na própria existência (12). E, finalmente, é preciso ter em conta o estilo sapiencial da reflexão do autor, por vezes

imprevisível, por vezes autobiográfico, outras vezes estabelecendo diálogos com outras tantas pessoas como Teresa de Lisieux, Lutero, Nietzsche e teólogos de renome (12).

Na introdução de seu livro (14-22) o A. afirma que a paciência com Deus é o que basicamente distingue a fé do ateísmo. Tanto o ateísmo quanto o fundamentalismo religioso e o entusiasmo por uma fé demasiado fácil são carentes de paciência para com o mistério, que chamamos Deus (15). Com efeito, não há necessidade de uma verdadeira fé se os sinais da presença de Deus estivessem ao nosso alcance, à superfície do mundo. O que é óbvio e demonstrável não requer a fé (16). A função da fé, diz o A., é ensinar-nos a viver com o mistério, com o paradoxo. A fé sem interrogações críticas transforma-se numa ideologia enfadonha; e a racionalidade sem impulsos espirituais e éticos que brotam do mundo da fé, torna-se paralisante e perigosa. A abertura radical ao mistério não permite a absolutização de uma "verdade" particular (20).

No cap. 1: "Interpelando Zaqueu", o A. narra, autobiograficamente, como a passagem bíblica de Zaqueu foi tomando ricos contornos em seu pensamento e em sua própria vida. Percebeu ele que na sua própria atividade acadêmica e pastoral nunca havia sido seu objetivo "converter os convertidos" ou envolver-se em disputas intermináveis com opositores da fé cristã, mas antes ser vizinho compreensivo para aqueles que, como Zaqueu, se mantêm à distância, permanecem às "margens" (29). A única pessoa capaz de se dirigir a Zaqueu é aquela que o "conhece por seu nome", é aquela que vem da "margem".

Parafraseando as bem-aventuranças do Evangelho, o A. inicia o cap. 2 com o título "Bem-aventurados os distantes". Zaqueu é aqui apresentado como aquele que se encontra distante, desprezado por seus conterrâneos devido ao posto que ocupa, afastado das práticas religiosas, ignorado e menosprezado por seus líderes. Por outro lado, Jesus é aquele que nunca deixa de procurar os "distantes" (pobres, doentes, pecadores de todo tipo...) e que, também por isso, vivia em constante tensão com indivíduos, grupos, instituições e símbolos que constituíam o centro, a elite da sociedade (39). Jesus tem um interesse prioritário pelos que estão à margem da fé, que duvidam ou que procuram. Ao proclamar bem-aventurados os pobres, os que choram, os que são perseguidos, Jesus se apresenta como o Mestre do paradoxo (42). Uma "nova teologia da libertação" deveria, segundo o A., ser a da libertação interior, libertação das "certezas" relativas à religião, do triunfalismo monopolista que quer ser o único repositório da verdade (44). Solidariedade com os buscadores implica participar de suas buscas e interrogações (46).

A figura predominante no cap. 3 é a de Teresa de Lisieux. Não é intenção do A. apresentar uma biografia da jovem proclamada Doutora da Igreja, mas

compartilhar com o leitor a dimensão sombria experiência do sentir-se distante de Deus, de ver as certezas da fé ruírem e as luzes se apagarem. O título do capítulo "Longe de todos os sóis" alude às trevas interiores e ao rosto oculto do ateísmo de Teresa. Deus lhe parece estar terrivelmente distante e Teresa experimenta um vazio insondável. Ela não "vê Deus" à luz da fé, nem faz questão de atenuar as palavras para expressar o quando sofre com isso, mas, mesmo assim, se relaciona com Deus com um amor apaixonado e paciente. Os que sobem, desde há muito, no monte da virtude, dizia ela, deveriam aceitar com humilde alegria o seu próprio colapso e queda, desejados por Deus, porque Deus não os espera nas "alturas" sonhadas, mas precisamente no fundo, nas profundezas do fértil vale da humildade (cf. 56). Com sua experiência e sua solidariedade para com os que não creem, Teresa conquista novo território para uma Igreja que se apresentava época demasiado fechada sobre si mesma. Não se tratava nem se trata, segundo o A., de atrair os não crentes para o coração da Igreja, mas sim de alargar esse coração, incluindo nele a experiência de solidão (59). O que Teresa, pouco antes de sua morte, perdeu, foi aquele sentimento de certeza religiosa, de certeza da proximidade de Deus. Sua fé foi despida, como Jesus o foi na cruz (63-64). Quando a fé se apaga, o amor continua a arder, por isso as trevas não podem ter a vitória final (67). O amor pelo distante revela novamente o paradoxo, pois é próprio da noção de amor a proximidade, o estar-com, o unir-se com o amado/a.

O cap. 4, com alguns aportes do teólogo Joseph Moingt, é dedicado à realidade divina como mistério, como absoluta transcendência. "Deus é mistério": deveria ser esta a primeira e a última frase de qualquer teologia (71). O título do capítulo: "De pés descalços", nos remete imediatamente Moisés diante da sarça ardente que paradoxalmente não se consome. Ao mesmo tempo, alude ao paradoxo da diferença entre o ser humano e a infinitude de Deus. Apesar da distância entre Deus e o homem não se pode deixar de mencionar também a proximidade que o conceito de "semelhança" implica. O ser humano, diz a tradição bíblica, foi criado à imagem e semelhança de Deus. Assim, "nosso" Deus é também o Deus de todos os homens, dos outros (dos Zaqueus), e, ao mesmo tempo, é o Outro em relação à nós todos. Deus é o Deus dos buscadores, dos que estão a caminho. Deus se revela àqueles que o buscam no interior mesmo de sua busca. É compartilhando das "alegrias e esperanças, tristezas e angústias" das pessoas dos dias hoje (GS) que nos colocamos a caminho com elas. Trata-se de diálogo e de encontro, não de separação e distanciamento. Enquanto o CVI via o ateísmo como um erro intelectual (a ser vencido mediante a apologética) ou como pecado, por falta de boa vontade, o CVII considerou a principal causa do ateísmo o fato de a Igreja não dar um testemunho suficientemente digno de crédito (83).

No cap. 5 o A. faz uma comparação da Igreja com Dulcinéia de Taboso (da obra "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes) e se pergunta se ela é vista

por nossos contemporâneos como a criada pouco asseada e grosseira, como a vê Sancho Pança, ou se como a nobre e digníssima dama como a vê Dom Quixote. Ambos representam dois aspectos do ser humano, duas perspectivas diferentes que devem complementar-se. Dom Quixote sem Sacho Pança não passa de um desorientado; e este sem aquele é apenas um ignorante. Ambos têm razão, mas ambos não veem a Dulcinéia na sua totalidade, porque um (Sancho Pança) vê somente o exterior, enquanto o outro (Dom Quixote) somente o interior, aquilo que ela poderia ser (94-95). A verdade integral acerca da Igreja não reside nem nas alturas místicas, nem nas suas debilidades "visuais". A verdade da única Dulcinéia que existe não é a média das duas perspectivas opostas. Ela mesma sempre as transcende por ser "pessoa", relação, por estar continuamente construindo-se. Assim a Igreja é comunidade a caminho (*communio viatorum*). Em seguida, o A. alude à Maria como ícone possível da Igreja e argumenta que também Maria Madalena, que permanece com Maria e João ao pé da cruz, o poderia ser. Na aparição do Ressuscitado, o momento em que ela o reconhece como tal é quando o Senhor lhe chama pelo nome (assim como chamara Zaqueu pelo nome). Maria Madalena também é um símbolo daqueles que buscam a oportunidade para encontrar-se com Jesus e que, como ela (e Zaqueu) veem suas vidas transformadas no encontro com ele, encontro este que não fica confinado às coordenadas espácio-temporais do passado, mas que "acontece" no processo dinâmico do puro e simples viver.

Uma partilha acerca de uma carta que o A. recebeu de um senhor que se confessa ateu ou antiteísta torna-se o tema do cap. 6. O homem que lhe escreveu a carta, depois de dar muitas razões para a inexistência de Deus, se mostra profundamente ferido pelo infortúnio, pela dor devido à morte de sua neta, e maldiz a Deus como "tirano de garras sangrentas". Onde estava Deus quando sua netinha estava morrendo era a pergunta de fundo (própria da teodiceia). Nesses momentos é a solidariedade com o que sofre que deve ocupar o lugar principal. Não se tratava de uma confissão atea apática, mas apaixonada. Um ateísmo apaixonado pode assumir, segundo o A., duas formas: a dos protestos e a da busca, e isso vale também para protestos apaixonados e buscas apaixonadas. Rejeitando Deus pode-se, ou considerar a vida como um gigantesco absurdo, ou mergulhar no mistério, rejeitando, assim, o "deus dos nossos sonhos" (129). A única forma de alcançarmos um apaixonado ateísmo de protesto é abraçando-o. Fé madura é, paradoxalmente, a permanência paciente na noite do mistério (130).

O título do cap. 7 é o que melhor sintetiza a intenção fundamental do livro: "Um Deus desconhecido, mas demasiado próximo". Um Deus "desconhecido" (como pregara Paulo no Areópago em Atenas) não é necessariamente um Deus distante. O paradoxo é assim formulado: "Ele é desconhecido não por estar demasiado distante, mas por estar demasiado próximo" (136). O único Deus verdadeiro é o Deus que não pode ser representado,

é um Deus envolto em mistério (137). Ante tantas imagens distorcidas de Deus e ante tantos anúncios da morte de Deus (a partir de Nietzsche) no nosso tempo, deveríamos, segundo o A., com Zaqueu, voltar a procurar (como no discurso de Paulo) o altar do "Deus desconhecido" (142). É desconhecido porque não é procurado nos lugares certos, mas entre os deuses desse mundo, entre elucubrações filosóficas, entre projeções dos nossos próprios desejos e temores, entre "seres sobrenaturais" e os frutos da nossa imaginação (142). Não o encontramos porque está demasiado próximo, no mais profundo de nossa vida, do nosso ser (143).

No cap. 8: "O Espelho da Páscoa", o A. se volta especialmente para a figura de Paulo, sem o qual o cristianismo muito provavelmente teria sido apenas uma das muitas seitas do judaísmo (145). A novidade da vida em Cristo, o chamado à liberdade, leva Paulo a ultrapassar as fronteiras culturais de Israel. Paulo constrói todo seu Evangelho, toda sua versão do cristianismo, apenas com base na Páscoa de Jesus. Nele, o Deus misterioso estabelece com o homem uma aliança nova e eterna, não mais baseada na lei, mas no amor (149). Para a razão legal (legalista), o amor é uma loucura. Esse "caminho dos loucos" leva à incompreensão, à rejeição e à cruz. A lógica do amor, que é a lógica de Deus manifestada em Jesus, é aquela do paradoxo: os últimos serão os primeiros; o menor será o maior; quem perder a sua vida vai ganhá-la; bem-aventurados os pobres, ai dos ricos. Amar é desarmar-se, depor as armas. E depor as armas é tornar-se vulnerável, indefeso, exposto à violência e à morte. Por isso, o amor é incompreensível e o amar parece uma loucura. Cruz e Ressurreição revelam o paradoxo da história da Páscoa e implicam-se mutuamente para manter seu significado existencial mais profundo (154). Como somente os livres podem realmente amar, podemos entender a libertação da morte, ou seja, a ressurreição, não simplesmente como um acontecido com Jesus num passado distante sobre o qual fomos informados, mas como acontecendo em nós, transfigurando nossa vida e nossa compreensão da realidade. A ideia de *ressurrectio continua* é evocada aqui em paralelo com a de *creatio continua* (162).

O convite à aproximação mútua expressa o conteúdo central do cap. 9. É tempo de reunir as pedras para fazê-las desaparecer, pois já atiramos muitas pedras uns nos outros (163). Enquanto permanecerem os pedregulhos barrando o caminho do encontro e do diálogo, aquele que pode trazer a salvação aos muitos Zaqueus de hoje que o esperam fica impedido de aproximar-se. Não é a folhagem (do sicômoro) que dificulta a visão dos Zaqueus de hoje, mas uma muralha de armas, injustiças e ódio (166). Característica fundamental do Reino anunciado por Jesus é a rejeição à violência ("Se o meu Reino fosse desse mundo, os meus guardas teriam lutado" Jo 18,36). Precisamos, diz o A., encontrar um caminho entre o fundamentalismo religioso e o secularismo fanático (176). Mais que veículos utilizados (em especial pelo terrorismo) para espalhar o medo e transmitir cenas de terror

e violência, os meios de comunicação social deveriam ajudar a restaurar a identidade das vítimas sem rosto, emprestando-lhes voz, devolvendo-lhes o seu nome. O significado do amor reside na responsabilidade para com o outro. Responsabilidade solidária, especialmente para com as vítimas, é parte integrante da nossa paz (180). Não se experimenta verdadeira paz quando se precisa portar armas. A proximidade exige um desarmar-se.

A salvação é um dom, não uma recompensa. O A. retoma no cap. 10 a cena bíblica de Zaqueu para desenvolver a ideia de gratuidade e iniciativa divinas no tocante à salvação (cura). Zaqueu observava e procurava, mas ele próprio já estava sendo procurado. Ele encontrou porque foi encontrado; foi considerado precioso, “filho de Abraão” (189). Ao ser chamado pelo nome caem as barreiras do afastamento, da distância. Ao ouvir alguém pronunciar o seu nome, a pessoa que estava perdida se vê encontrada; a que estava presa, experimenta a alegria de poder ser libertada. O encontro de Zaqueu com Jesus é marcado pela alegria e confiança. É um acontecimento libertador (190), que provoca uma mudança de atitude, de mentalidade (metanóia) (191). A cura (salvação) tem início na própria busca, no desejo e na confiança. Jesus, além do encontro propriamente dito, não faz nada de especial para que Zaqueu mude de vida, assim como nada faz no relato da cura da mulher que sofria de hemorragias (Mc 5,25-34). Em seguida o A. insiste, à luz da situação histórica da sociedade tcheca, na necessidade de reconciliação com o passado, seja pessoal, seja socialmente, sob pena de uma fragmentação da memória que, por sua vez, impedirá a cura e a reparação real da sociedade. Se ignoramos as feridas não cicatrizadas e os traumas do passado, não nos reconciliamos verdadeiramente com o presente (195-202). Tampouco o sentimento de vingança pode levar à reconciliação. A história de Zaqueu é uma história de reconciliação e de salvação. O passado não é ignorado, mas recuperado no presente (Zaqueu quer agora retribuir aos defraudados por ele).

Zaqueu como padroeiro dos buscadores, dos “vigilantes” (“São Zaqueu”) é a ideia simplificada do que é exposto no cap. 11. Aqui o A. retoma algumas ideias e comentários antes referidos a Teresa de Lisieux e Nietzsche, mas, à guisa de acréscimo, tece alguns comentários à vida de Simone Weil na sua busca de Deus. O ocultamento de Deus na noite da fé de Teresa, a experiência de Deus por sua ausência na necessidade cega do mundo, expressa pela esperançosa Simone, e a morte de Deus, anunciada por um “louco” no “Zaratustra” de Nietzsche, configuram, respectivamente, uma paciência apaixonada em Deus, uma espera apaixonada por Deus e uma luta apaixonada com Deus (216).

Por fim, o cap. 12, à luz do conceito de paciência (relacionada à fé), encerra a obra. Por vezes, somos tentados a desistir da busca. A paciência se vê esgotada, quer seja porque já não há ninguém mais por esperar, quer seja porque esse alguém que se espera teima em não aparecer. Encontrará

Cristo fé (ainda que implícita e anônima) sobre a terra por ocasião de seu regresso? Encontrará ele os buscadores, os “vigilantes”, os “pacientes”, os perseverantes? Fé é a abertura perante o ocultamento de Deus que exige paciência como modo de espera. Assim, fé e esperança são indissociáveis no Cristianismo (222), elas são, na linguagem teológica, “graça” de Deus, pelas quais nós acedemos, buscamos a Deus no seu mistério inesgotável. “Deus não fala apenas através de suas palavras, mas também através do seu silêncio; não fala só através de sua proximidade, mas também através do seu afastamento” (229), não fala somente nos momentos de alegria, mas também nos de sofrimento; não somente ao meio-dia, mas também à meia-noite; não somente através dos crentes, mas também por meio dos que não creem nele.

Apreciação crítica

A obra de Tomáš Halík é certamente uma boa contribuição para o diálogo interreligioso e intercultural. Sabemos que o diálogo interreligioso costuma travar quando as convicções de fé são impostas como absolutas, intocáveis, inquestionáveis. Se, por um lado, não se pode cair num total relativismo, por outro lado, não se pode esquecer que o mistério absoluto e inesgotável, que chamamos Deus, não cabe em definições conceituais, nem se esgota em experiências pontuais. A forma do ateísmo prático não se encontra somente entre os ateus, mas também entre aqueles que, como crentes, não negam a existência de Deus, porém vivem, no âmbito da práxis, como se Deus não existisse.

No início de sua obra o A. se propõe tratar daquele aspecto da paciência relacionada a Deus que ele chama de fé. Ao tomar, porém, o relato bíblico do encontro de Jesus com Zaqueu como linha central de sua reflexão, o leitor tem a impressão de que não é a ideia de paciência que sobressai no livro, mas antes a ideia de busca. Zaqueu procurava ver quem era Jesus e toma iniciativa para tanto, buscando um lugar, uma posição que lhe permitisse isso (subindo num sicômoro). Não parece que a intenção primeira de Zaqueu fosse a de permanecer oculto entre as folhas do sicômoro. Antes de tudo ele queria não simplesmente ver Jesus, mas ver *quem era* Jesus. Quem está em busca de alguém porque quer conhecê-lo não adota uma atitude passiva. A palavra “paciência” tem para nós muito mais a conotação de um aguardar passivamente do que a de um esperar ativamente. Por um lado, é certo que Zaqueu não pretendia muito mais que, à certa distância, ver quem era Jesus. Mas por outro lado, não se pode realmente ver quem é alguém se não houver encontro com esse alguém. Num encontro pessoal com Jesus Zaqueu não estava pensando, quer seja por causa de sua própria condição, quer seja porque lhe parecia que o Mestre de Nazaré não haveria de importar-se com ele, dirigindo-lhe pessoalmente a palavra, chamando-o pelo nome e proporcionando, assim,

um encontro pessoal com ele, que se intensificaria na própria casa de Zaqueu. Entrar na casa de alguém e compartilhar a mesa com ele significa, na cultura judaica, compartilhar a vida com ele.

Zaqueu corre à frente (da multidão), sobe no sicômoro, supera as dificuldades que tinha para ver quem era Jesus, e agora ouve a Jesus, desce depressa (imediatamente) e o recebe com alegria em sua casa. Há todo um processo de busca que Zaqueu empreende e, por isso, Jesus, que veio procurar os que estavam distantes ou perdidos, o encontra. Jesus encontra Zaqueu na sua própria busca. É nesse processo de buscar “ver quem era Jesus” que se dá a entrada de Jesus na vida de Zaqueu. A busca não está concluída naquele (único) encontro com Jesus, mas é a partir daquela experiência de acolhida e solidariedade que a busca ganha novo sentido e orientação, ao ponto de desencadear um processo de transformação da vida, um processo de ressurreição.

O A. associa a paciência com Deus (ou seja, a fé) à esperança. Outras vezes fala do amor que é paciente, que permanece ainda que a paciência da fé e, por conseguinte, a esperança tenham se esgotado (como no caso de Teresa de Lisieux). Em todo caso, a paciência aparece como aquilo que fé, esperança e amor têm em comum. Contudo, compreendidas como virtudes teológicas, a fé, a esperança e o amor têm sua origem em Deus mesmo e são em nós os modos pelos quais acedemos a Deus, acolhemos a autocomunicação de Deus em sua verdade, unicidade e bondade. Deus, como verdade e bondade absolutas, não pode ser apreendido pelas verdades da fé (respectivamente à nossa inteligência), nem possuído pelo nosso amor (respectivamente à nossa vontade). Por isso, é necessário dizer conseqüentemente que o único “lugar” onde Deus pode manifestar-se em sua inesgotabilidade, em seu mistério, em sua inabarcabilidade é na esperança. A paciência da fé e do amor só se compreende a partir da esperança. Ela é, por excelência, a busca do que está indisponível e, ao mesmo tempo, o lugar onde o indisponível como tal se manifesta sem se tornar disponível, ou seja, é na esperança que o Indisponível, o Mistério pode fazer-se intimamente próximo e, ao mesmo tempo, manter-se na sua infinita distância, na sua transcendência.

Companheira dos buscadores “vigilantes” não é a paciência, mas a esperança. Quem está em busca (ainda) não possui o que busca. Assim, quem está em busca da verdade, não possui a Verdade; quem está em busca do bem supremo, não possui o Bem Supremo, e não tem, portanto, motivo, nem para cair no fundamentalismo ou fanatismo religioso, nem para rejeitar os outros que se encontram na mesma situação que ele, quer sejam eles crentes, quer não. O conteúdo da fé (*fides quae*) encontra acolhida por alguém à medida que expressa o que esse alguém busca na (sua) esperança. Dito de outra maneira: não é a partir do anúncio da ressurreição de Jesus, acolhido como verdade na fé, que passamos a ter esperança na nossa

ressurreição, mas antes é o anúncio da ressurreição de Jesus que vem ao encontro da nossa esperança de ressurreição confirmando-a, esperança esta que, no fundo, já tínhamos. Caso não a tivéssemos, tal anúncio soaria simplesmente como um disparate inadmissível (tal como foi o discurso de Paulo no Areópago de Atenas).

Creio que isso expressa a intenção originária do A. ao dar ao seu livro o título original em tcheco "Vzdáleným Nablízku": "próximo distante", ou "o que está muito próximo estando à distância". Tal título ficou um tanto prejudicado na tradução portuguesa. "Próximo distante", sem nenhum artigo no original, alude imediatamente ao paradoxo presença/ausência, proximidade/distância de Deus. Assim, o subtítulo acrescentado: "Oportunidade para um encontro" estaria mais apropriado que o título para expressar a ideia de fundo do autor, pois a noção de encontro já sugere distância e proximidade dos que se encontram.

Pelas referências esporádicas que a tradução faz ao alemão, parece que ela, especialmente no que diz respeito ao título, baseou-se na tradução alemã, e não na versão original tcheca. O título do livro em alemão é: "*Geduld mit Gott. Die Geschichte von Zachäus heute*" (Paciência com Deus: A história de Zaqueu hoje / ou atualidade da história de Zaqueu). Se a intenção do tradutor de língua portuguesa era a de ser fiel àquela do tradutor alemão, então o termo "paciência" não foi o mais apropriado, pois em alemão "*Geduld*" se aproxima muito mais de "*aktives Hoffen*" (esperar ativo) do que de "*passives Erwarten*" (aguardar passivo). Este último sentido designa melhor o que nós brasileiros entendemos por paciência. Quanto ao subtítulo, ausente no original, é preciso dizer que enquanto a versão alemã entende a intensão do autor como sendo a de resgatar a atualidade da história de Zaqueu, a versão portuguesa viu a intensão do autor como a de resgatar o encontro (pessoal) para o qual o relato de Zaqueu é tomado como inspiração e como uma oportunidade para tal. Se lermos a obra como se ignorássemos que nossa tradução tem um subtítulo, e se numa leitura atenta fôssemos percebendo que o próprio título parece um tanto deslocado da temática desenvolvida na sua totalidade, descobriremos justamente na noção de *paradoxo* a genuína intenção do autor, pois o paradoxo é constitutivo da fé cristã e da experiência de Deus. É deste modo que a paciência pode ser o elemento distintivo do crente frente ao ateu na medida em que aquele percebe que deve tomar o paradoxo como tal, sem negá-lo e sem tentar dissolvê-lo por meio de um raciocínio lógico.

Luiz Carlos Sureki, SJ

